

NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

13

***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

SET 2019

ISSN: 2183-0924

***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

13

SETEMBRO

2019

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Setembro de 2019**

Volume: **13**

Capa: Imagem aérea de Santa Vitória

(Foto: José Pedro Machado)

Director: **António Carlos Valera**

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.

ÍNDICE

EDITORIAL	07
António Carlos Valera, Ana Catarina Basílio e Tiago do Pereiro O PROJECTO SANVIT: UM NOVO CICLO DE INVESTIGAÇÃO NO RECINTO DE SANTA VITÓRIA (CAMPO MAIOR). OS RESULTADOS DA CAMPANHA DE 2018	09
Ana Catarina Basílio e Tiago do Pereiro O SÍTIO CALCOLÍTICO DE CORTE PIORNINHO 3 (SALVADA E QUINTOS, BEJA): NOTAS SOBRE A SUA OCUPAÇÃO E INTEGRAÇÃO NA PAISAGEM PRÉ-HISTÓRICA	19
Sarah Dalton and Ethan Selby LOOM WEIGHTS FROM CHALCOLITHIC AND EARLY BRONZE AGE PERDIGÕES (ALENTEJO, PORTUGAL)	27
Lúcia Miguel A TRANSIÇÃO BRONZE FINAL – IDADE DO FERRO NA MARGEM DIREITA DO GUADIANA. O CASO DA BASE DE CABANA DA RIBEIRA DE S. PEDRO (BALEIZÃO)	35
Lúcia Miguel, Pedro Albuquerque, Lucy S. Evangelista e Marina Lourenço TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA NECRÓPOLE SIDÉRICA DE MÉRTOLA: RESULTADOS PRELIMINARES DAS SONDAGENS ARQUEOLÓGICAS	41
Nelson Cabaço, Marina Lourenço e Rodrigo Banha da Silva O COMPASSO DO ESPAÇO DE NECRÓPOLE ROMANA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, LISBOA	47
Rui Pinheiro CASTELO DE MIRANDA DO DOURO. PRINCIPAIS DADOS DE UMA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA NUMA PRAÇA FORTE DO NORDESTE TRANSMONTANO	55
Filipe Santos Oliveira PRODUÇÃO DE CACHIMBOS DE BARRO NA RUA DAMASCENO MONTEIRO (OLARIAS DE SÃO GENS), LISBOA: UM CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO	67
Inês Simão, João Miguez e Ever Calvo TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA RUA CAIS DO TOJO, Nº48-64, LISBOA. CONTRIBUTO PARA A EVOLUÇÃO DA FRENTE RIBEIRINHA LISBOETA	75
Ana Rosa INFRA-ESTRUTURAS PORTUÁRIAS CONTEMPORÂNEAS NA FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA: O CASO DO QUEBRA-MAR IDENTIFICADO EM ALCÂNTARA	85



EDITORIAL

O “Oásis”

No início de 2019 o Complexo Arqueológico dos Perdigões foi classificado como Monumento Nacional. Trata-se do primeiro recinto de fossos a merecer esta classificação em Portugal. É o mais recente resultado de duas décadas de um programa continuado de investigação liderado pela Era Arqueologia, o qual pôs em evidência a importância e potencial científico e patrimonial do sítio, hoje reconhecido nacional e internacionalmente.

Para este desfecho contribuíram igualmente o Esporão S.A., proprietário de mais de dois terços do sítio, assim como as muitas colaborações com instituições de investigação e ensino superior portuguesas e estrangeiras e o Estado português, através de financiamentos a projectos de investigação desenvolvidos nos Perdigões.

Tendo sido reconhecido numa intervenção de minimização de impactos em 1997, o recinto dos Perdigões é hoje uma reserva arqueológica, um “laboratório” para a investigação das sociedades do 4º e 3º milénios a.C. e um caso de referência na expressão do fenómeno dos recintos de fossos na Península Ibérica.

Um exemplo que urge seguir, num tempo em que a reconversão agrícola do Alentejo está a afectar drasticamente e a um ritmo muito acelerado este e outros tipos de património arqueológico.

António Carlos Valera

O SÍTIO CALCOLÍTICO DE CORTE PIORNINHO 3 (SALVADA E QUINTOS, BEJA): NOTAS SOBRE A SUA OCUPAÇÃO E INTEGRAÇÃO NA PAISAGEM PRÉ-HISTÓRICA

Ana Catarina Basílio¹
Tiago do Pereiro²

Resumo:

O sítio do Corte Piorninho 3, localizado na Herdade do Piorninho, na União de Freguesias da Salvada e Quintos de Baleizão, concelho de Beja, foi afectado no contexto da reconversão agrícola da herdade, para a implantação de amendoal de produção intensiva. Nesta intervenção, diversos materiais arqueológicos foram identificados à superfície, tendo sido feita a sua implantação e recolha segundo uma grelha georreferenciada.

Estes trabalhos permitiram identificar um possível habitat calcolítico, com uma extensão que rondará, segundo os dados disponíveis, o 1ha, implantado numa área densamente ocupada durante esta fase cronológica, onde coexistem habitats, recintos de fossos, “campos de fossas” e contextos funerários. Este sítio foi também integrado na paisagem pré-histórica, contribuindo para a compreensão das diversas estratégias de ocupação do espaço em torno ao Rio Guadiana, não só no seu percurso baixo, como na sua bacia média, sugerindo a existência de visões e significados que podem extravasar as barreiras regionais.

Abstract:

The Chalcolithic site of Corte Piorninho 3 (Salvada and Quintos, Beja): notes about its occupation and integration in the prehistoric landscape

The site of Corte Piorninho 3 located in Herdade do Piorninho, in the União de Freguesias da Salvada e Quintos de Baleizão, Beja's county was affected in the context of the agricultural reconversion for the implantation of an intensive production field of almond trees. In this intervention, several archaeological materials were identified and collected at the surface, being their implantation done according to a georeferenced grid implanted on the surveyed area.

This work allowed the identification of a possible Chalcolithic habitat, with an extension that can reach, according to the available data, 1 hectare, that is based on a densely occupied area during this chronological phase, where habitats, ditched enclosures, "pit fields" and funerary contexts coexist. This site was also integrated into the prehistoric landscape, contributing to the understanding of the various space occupation strategies around the Guadiana River, not only in its low course but also in its middle basin, suggesting the existence of visions and meanings that can overflow the geographical barriers.

1. Contextualização da intervenção

A reconversão agrícola sentida no Alentejo, com a plantação de extensas áreas de amendoais e olivais, origina diversos problemas ambientais e paisagísticos, verificando-se uma descaracterização da paisagem imensurável. No entanto, uma das maiores afectações passa pelo âmbito cultural, sendo conhecidas incontáveis impactos em sítios arqueológicos inventariados que, pela sua invisibilidade arquitectónica e estrutural, bem como pelo processo e trajectória burocrática vigente, não são salvaguardados.

Foi neste contexto que os trabalhos de prospecção arqueológica no sítio do Corte Piorninho 3, foram levados a cabo, dando resposta à condicionante imposta pela Direcção Regional de Cultura do Alentejo, desencadeada pelo projecto de reconversão agrícola da Herdade do Piorninho (União de Freguesias da Salvada e Quintos de Baleizão, Beja).

¹ ICArEHB-U. Algarve. (caterinasbasilio@gmail.com)

² Era Arqueologia. (tiagopereiro@era-arqueologia.pt)

Este, aquando do início dos trabalhos arqueológicos, já se encontrava totalmente executado, tendo consistido na ripagem do terreno a uma profundidade máxima de 50 cm, para o plantio de Amendoal e implantação do respectivo sistema de rega.



Figura 1 – Vista SO para o sítio do Corte Piorninho 3.



Figura 2 – Implantação de Corte Piorninho 3 na Carta Militar 1:25000 fl. nº 522.

Nenhum destes trabalhos foi alvo de acompanhamento arqueológico, resultando numa afectação do sítio arqueológico já inventariado, que se materializava numa expressiva densidade de artefactos, quer classificáveis como inclassificáveis, à superfície.

Neste sentido, considerando o impacto já existente no sítio arqueológico e a esparsa informação disponível, os trabalhos consistiram numa abordagem arqueológica integrada, cujo principal intuito passou por compreender, para além do seu balizamento cronológico, a extensão e possível delimitação das manchas de materiais e, como tal, do próprio sítio arqueológico.

2. Localização e biografia

O sítio arqueológico de Corte Piorninho 3 implanta-se no que hoje se conhece como União de Freguesias da Salvada e

Quintos de Baleizão, no concelho e distrito de Beja. Desenvolve-se no início de uma área de encosta (-7.67033; 37.98034 sistema de referência ETRS89) a cerca de 133 metros de altura, contando com uma ampla visibilidade sobre o Rio Guadiana, do qual dista menos de 800 metros.

No que toca à utilização dos solos, considerando a sua localização no grupo dos Gabros de Beja, a área do sítio do Corte Piorninho 3 foi alvo de trabalhos agrícolas, pelo menos desde 1994, tendo sido possível averiguar, através da análise das imagens aéreas, que as estruturas antrópicas (caminhos e ruínas) e os elementos naturais (linhas de água e vegetação circundante) se terão mantido estabilizados pelo menos entre 1995 e 2014. Esta situação altera-se claramente na imagem obtida em 2015, ano do início da reconversão agrícola, na qual os caminhos, linhas de água, vegetação e cultivo são profundamente modificados, dando origem a uma extensa área de amendoal patente na imagem área obtida no decurso do ano de 2018.

É nesta primeira fase de revolvimento dos solos para a implantação das amendoeiras, sem o acompanhamento de um arqueólogo responsável, que o sítio é detectado e afectado, encontrando-se desde o primeiro semestre de 2015 registado na base de dados Endovélico-Portal do Arqueólogo, com o CNS 35755 (segundo <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/>, consultado a 18 de fevereiro de 2018, pelas 9h18). Esta identificação tardia, já numa fase de execução do projecto agrícola, justifica a ausência do sítio do Corte Piorninho 3 no Anexo I - Carta Arqueológica do Concelho de Beja, disponibilizado pela Câmara Municipal de Beja, que se encontra datado de Maio de 2013.

3. Métodos e resultados

As metodologias de prospecção arqueológicas aplicadas no sítio de Corte Piorninho 3 respondiam aos condicionalismos impostos pelo terreno, considerando-se à partida a presença de árvores, já bem desenvolvidas, que distavam entre si cerca de 4 metros, com intervalos de linhas de 7 metros, sem a presença de camalhões. Como tal, para dar resposta a estas limitações físicas, foi definida uma área de 1,4 hectares a prospectar, sobre a qual foi implantada uma quadrícula, georreferenciada, baseada nos corredores desenhados pelas árvores (7x30m). Nesta área foram recolhidos os materiais identificáveis à superfície, sendo classificados e contabilizados segundo classes artefactuais pré-definidas, bem como localizados com um ponto central no quadrado no qual foram recuperados. Estas informações permitem, por um lado, perceber a distribuição geral e tipológica dos artefactos, bem como sugerir a possível extensão do sítio arqueológico em análise.

As classes artefactuais definidas basearam-se numa observação inicial do terreno, tendo sido delineados oito grupos de materiais: Cerâmica comum (a torno); Cerâmica de construção (telhas, tijolos, etc.); Cerâmica vidrada; Cerâmica manual (Pré-Histórica); Pesos (cerâmicos); Seixos rolados Qtz; Líticos (indústria de pedra lascada) e Fauna (mamalógica e malacológica).

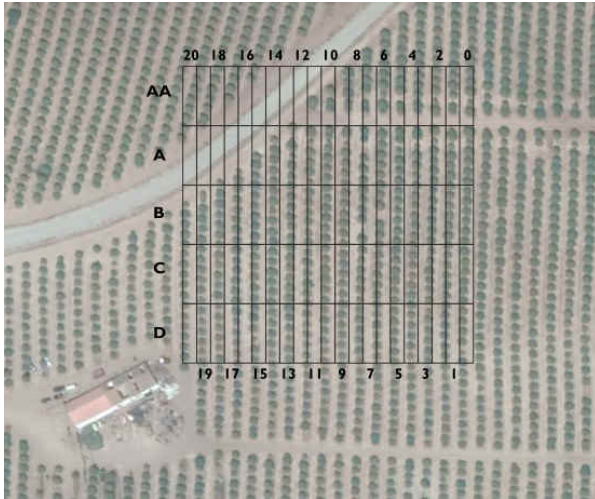


Figura 3 – Grelha de referência geográfica implantada no sítio arqueológico em estudo.

No total foram contabilizados 1291 artefactos que, na sua generalidade, apresentam uma intensa erosão nas suas superfícies e, como tal, uma baixa taxa de classificação. Destes apenas 17% correspondem a materiais de períodos históricos, nomeadamente fragmentos de telha de meia cana e de tijolo burro, bem como 178 elementos cerâmicos classificáveis como painéis, alguidares e cerâmica vidrada. No entanto, a ocupação mais significativa de Corte Piorninho 3 enquadra-se na Pré-História Recente, sendo ilustrada por 776 fragmentos (83%). Destes, 76 correspondem a componentes classificáveis, na sua grande maioria fragmentos de bordos, mamilos, carenas e pegas, sendo também identificáveis elementos de tear, artefactos líticos e vestígios de malacofauna. Os restantes 700 registos são referentes a elementos inclassificáveis, ou cujo potencial informativo e a definição cronológica são menos claros, tais como os seixos quartzíticos.

No caso dos 65 elementos cerâmicos identificáveis (nos quais não se incluíram os pesos de tear), em 37% das situações não foi possível aferir a forma dos recipientes, destacando-se, ainda assim, o domínio dos exemplares de pratos calcolíticos (24 registos), na sua variável bi-espessada, seguidos por oito artefactos enquadáveis nas tipologias das taças e tigelas. Para além dos bordos, também 16 fragmentos de elementos de tear foram recuperados, encontrando-se distribuídos pelas duas tipologias mais recorrentes - “crescente”, com três registos e um número máximo de perfurações igual a um, e “placas”, onde se inserem os restantes 13 artefactos com uma ou duas perfurações nos fragmentos distais.

A indústria lítica apresenta uma maior expressividade no conjunto total de artefactos recolhidos, encontrando-se caracterizada por 195 registos entre os quais se incluem 103 seixos talhados, restos de talhe e lascas (corticais e não corticais). A estes somam-se ainda um denticulado, um pico em grauvaque e um fragmento de ponta de seta, salientando-se também a diversidade observada nas matérias primas utilizadas, encontrando-se elementos em

silex, quartzo, jaspe e ainda em quartzito que, por um lado, ilustram a utilização de um recurso próximo ao sítio (seixos de quartzito), como por outro, deixam sugerir contactos e uma inerente mobilidade dos artefactos e possivelmente dos próprios humanos.

Estas ideias encontram ainda sustento na presença de outros elementos que implicam processos de movimentação, mais concretamente um fragmento de *Pecten* sp. (quadrícula A13). Estes vestígios, ou artefactos, têm vindo a ser identificados em sítios com ocupações neolíticas e calcolíticas, surgindo em ambientes funerários, em associação aos demais espólios votivos, e em contextos onde o seu simbolismo, significado e agência não se encontram totalmente claros (Valera, André, 2016/2017).

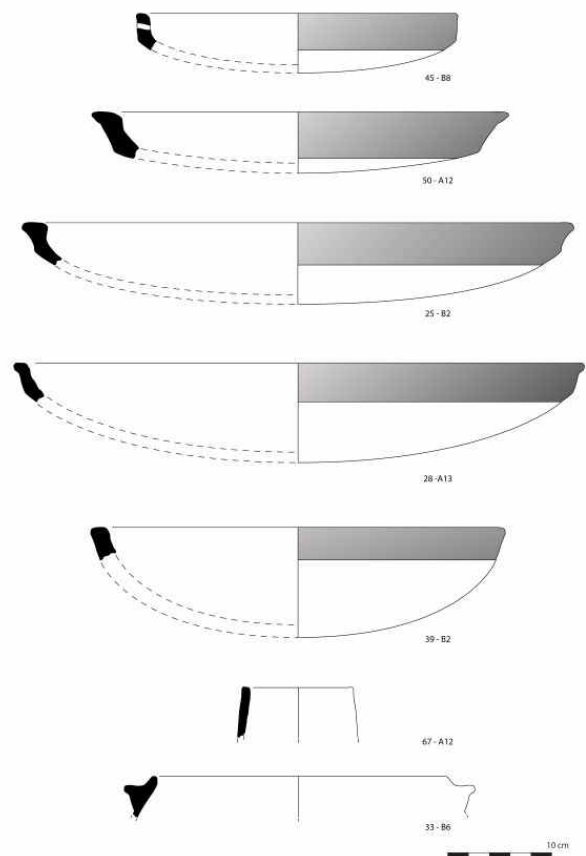


Figura 4 – Cerâmica de tipologia calcolítica recolhida durante os trabalhos de prospecção.

Para além das características dos artefactos, também o seu posicionamento espacial foi analisado em termos de quantidades e concentrações, ensaiando-se uma aproximação à dimensão do sítio de Corte Piorninho 3, que rondará 1ha. Assim foi possível observar uma particular presença de elementos na fiada A, linhas 11 a 14. Nesta área, 303 dos materiais foram recuperados, valor que atinge

os 258 registos, quando se particulariza a análise às materialidades essencialmente calcolíticas. Dentro desta cronologia, as distribuições espaciais segundo as categorias artefactuais (elementos de tear; bordos, mamilos e carenas; pedra lascada) sustentam a tendência identificada na análise geral do posicionamento dos materiais pré-históricos. No entanto, nota-se uma única divergência na espacialidade dos elementos de tear, que contam com uma maior expressão nas quadrículas B3 a B7, ainda que a sua expressividade no total das materialidades seja relativamente reduzida (apenas 16 vestígios).



Figura 5 – Exemplo dos elementos de tear recuperados à superfície no Corte Piorninho 3.

Em suma, o conjunto de artefactos pré-históricos recuperados nos trabalhos de prospecção no Corte Piorninho 3 permitem caracterizar e balizar a sua ocupação no Calcolítico regional, sendo igualmente possível sugerir a integração deste sítio em dinâmicas sociais, redes de contacto e circulação mais amplas e em vigência neste período. No entanto, esta generalização é meramente indicativa e pode espelhar apenas um dos momentos da biografia deste sítio, sendo essencialmente baseada em artefactos considerados “fósseis-directores”. São disso exemplo os pratos de bordo espessado que, tal com os restantes elementos recuperados, se encontram remexidos e muito afectados pela exposição aos elementos atmosféricos.

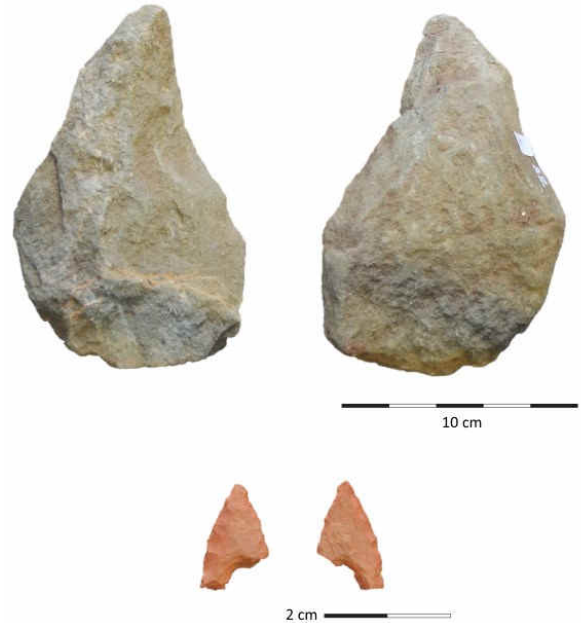


Figura 6 – Pico em grauvaque e fragmento de Ponta de Seta feita em jaspe..

Este panorama, o elevado grau de erosão dos artefactos recuperados à superfície, sugere que o impacto dos trabalhos mecânicos prévios à plantação do amendoal não terá originado muitas alterações no estado de conservação do sítio arqueológico em estudo, uma vez que as surribas realizadas no decurso do ano de 2018 parecem ter revolvido uma camada já afectada. No entanto, não é possível datar o momento da afectação inicial do sítio arqueológico, uma vez que este se desenvolve numa área com um intenso cariz agrícola. Ainda assim, no início da reconversão das culturas, em 2015, este local terá sido também afectado, sem acompanhamento arqueológico, não sendo mensurável qual o impacto deste primeiro momento.

Contudo, as concentrações dos materiais ilustram uma ocupação antrópica com cerca de 1ha, essencialmente centrada no lado NE da pequena elevação onde se implanta o Corte Piorninho 3, focando-se nas fiadas A, B e C. É possível ainda vislumbrar uma concentração dos elementos de tear espacialmente distinta em relação aos restantes artefactos que, ainda que possa sugerir a presença de um “cluster funcional”, se baseia em escassos elementos.

4. A paisagem e a ocupação pré-histórica

O sítio do Corte Piorninho 3 não se encontra isolado na paisagem, apresentando-se aparentemente integrado numa rede de incontáveis sítios arqueológicos com evidências de ocupações pré-históricas, cuja natureza das relações ainda carece de esclarecimento. No entanto, estas são essencialmente estabelecidas com recurso a paralelismos artefactuais, reconhecendo-se que as informações, características e cronologias do sítio em estudo, bem como

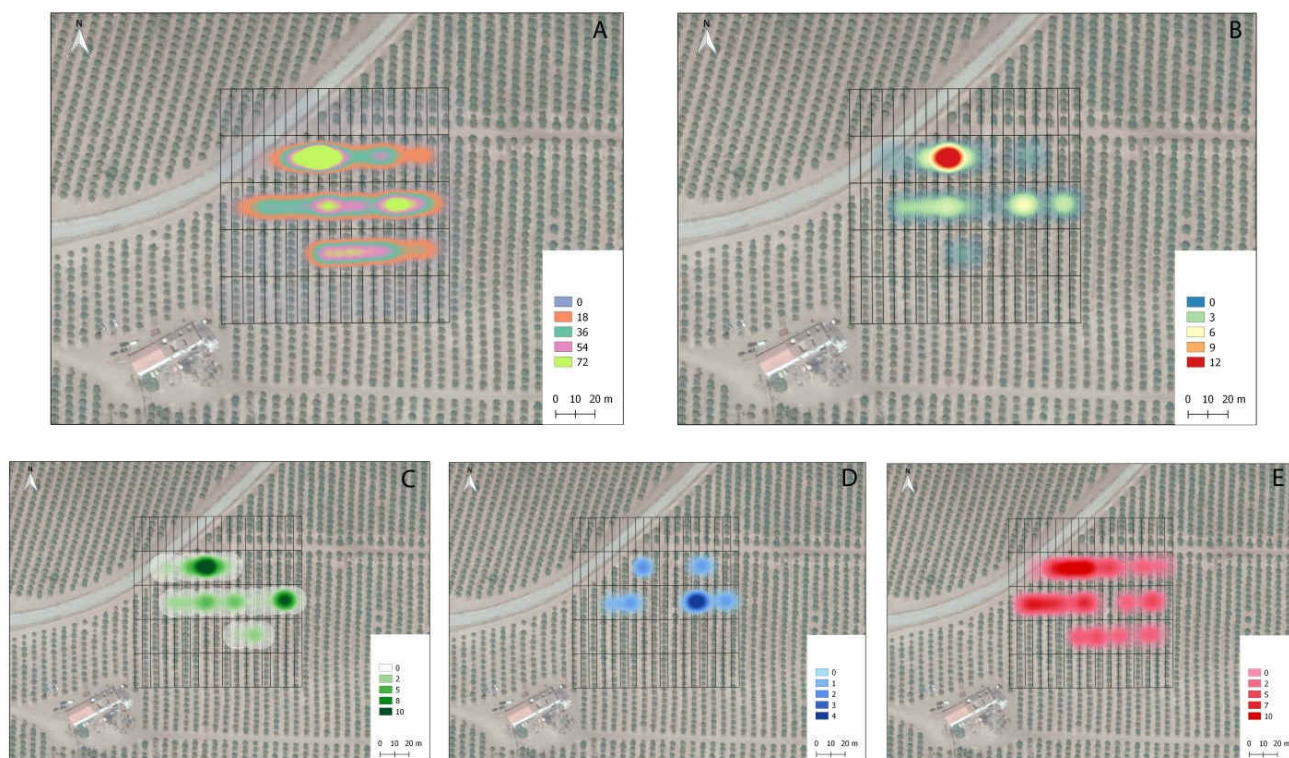


Figura 7 – Mapas de densidade artefactual. A) totalidade dos materiais recolhidos nas prospecções; B) Concentração dos materiais pré-históricos; C) Elementos cerâmicos classificáveis (bordos, carenas e mamilos); D) Elementos de Tear e E) Componente lítica de Corte Piorninho 3 (seixos e artefactos de pedra lascada).

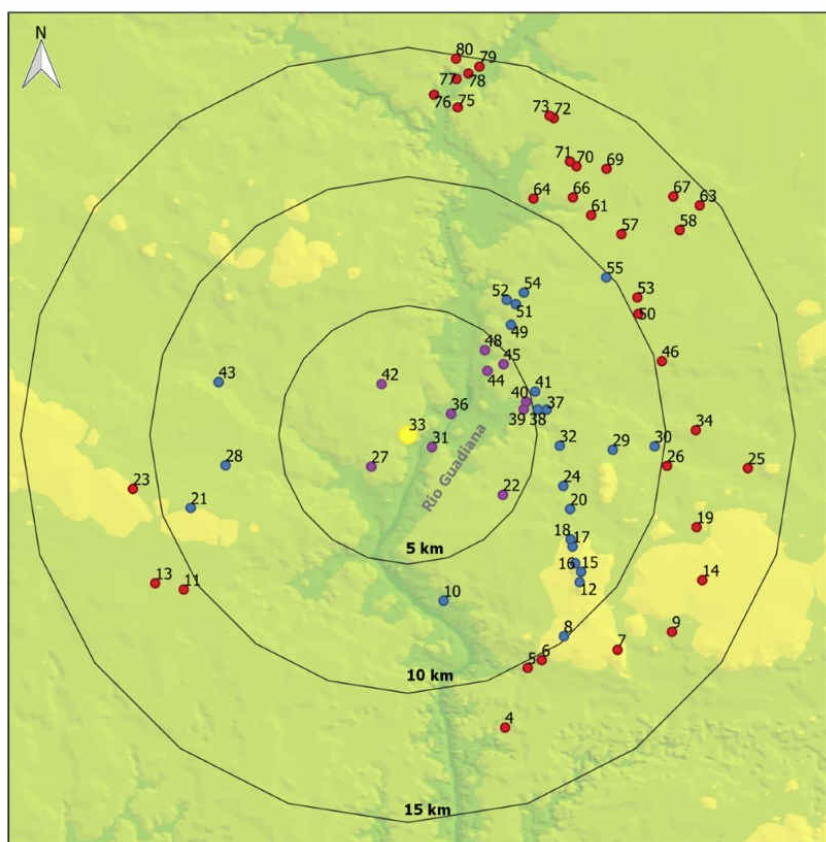


Figura 8 – Implantação de Corte Piorninho 3 na paisagem pré-histórica.

de muitos dos sítios regionais, são parcas e pouco sólidas, baseando-se em achados isolados ou pequenas intervenções arqueológicas no âmbito de diversos empreendimentos. Esta situação dificulta as interpretações em torno do povoamento regional e dos próprios sítios arqueológicos em si, verificando-se ainda algumas excepções, numa paisagem intensamente ocupada.

No entorno imediato ao Corte Piorninho 3, num raio máximo de 15 km (concelhos de Beja, Serpa e Vidigueira), encontram-se 68 sítios arqueológicos com materialidades compatíveis com cronologias calcolíticas, segundo os dados disponíveis no Portal do Arqueólogo, atingindo-se cerca de 4,5 vestígios de ocupações antrópicas por quilómetro. Esta densidade, materializa também uma diversidade a nível contextual, uma vez que cinco destes locais correspondem a realidades possivelmente funerárias, 20 a sítios abertos ou habitats, 21 achados isolados/sítios indeterminados, dois vestígios de arte rupestre e ainda 17 áreas de fossas e três recintos de fossos, estes últimos na zona onde se verifica a maior concentração deste tipo de contextos (Valera et al. 2013; Valera, 2013). Destacam-se neste conjunto, a nível de informação disponível, o habitat de Três Moinhos (Soares, 1992), o *Tholos* de Centirã 2 (Henriques, et al. 2014) e ainda os recintos da Salvada e Outeiro Alto 2 (Valera et al., 2013; Valera, Pereiro, 2015).

No sítio dos Três Moinhos, cuja identificação remonta à década de setenta do século XX, foi detectada uma ocupação coetânea (Calcolítica), aparentemente fortificada, que se desenvolve no topo de uma elevação sobranceira ao Rio Guadiana (Soares, 1992). Neste local, abunda um vasto espólio, onde se incluem não só elementos metálicos (Bottaini, et al. 2018), como também cerâmicas com decoração Campaniforme, notando-se a escassez, nos Três Moinhos e no Corte Piorninho, de fragmentos de taças carenadas e de elementos caracterizadores de ocupações tanto mais antigas, como cronologicamente mais recentes (Soares, 1992). No entanto, em alguns dos sítios regionais, o balizamento cronológico estende-se, aparentemente, para além do Calcolítico, sendo disso exemplo os sítios de São Brás 3, da Azougada 1 e do próprio *tholos* de Centirã 2, onde para além da ocupação calcolítica, se detectou uma revisitação datada da Idade do Bronze (Henriques, et al. 2014). Também os três recintos de fossos existentes na área envolvente a Corte Piorninho (a uma distância máxima de 15 km), tais como Outeiro Alto e Salvada, e os sítios (ou campos) de fossas, onde se incluem Torre Velha 3 e Horta da Morgadinha 1, permitem falar de espaços, tempos e de uma paisagem estruturada, pensada e racionalizada, onde as dinâmicas, as práticas sociais e os significados seriam necessariamente múltiplos e complexos (Valera et al., 2013; Valera, Pereiro, 2015; Alves, et al. 2014), implicando relações entre os diversos contextos e identidades que pontilham a região.

Este relacionamento entre os sítios arqueológicos e a estruturação da paisagem antrópica materializa-se de forma muito clara num tipo específico de implantação: ocupações de pequenas elevações proeminentes na paisagem, simultaneamente próximas ao Rio Guadiana ou aos seus

afluentes principais, com uma extensão variável inferior a 10ha. É o caso não só do Corte Piorninho 3 e dos Três Moinhos, como também da já mencionada Azougada 1 e ainda do sítio da Casa Branca e da Foz, estes últimos na margem esquerda do Guadiana (Diniz, 1999; Rodrigues, Martins, 2005). Este comportamento e escolha deixa sugerir a existência de características e estratégias de povoamento mais amplas e partilhadas, que organizam a paisagem, identificando-se não só no Baixo Guadiana (área em estudo), como também na sua bacia média, na região de Reguengos de Monsaraz e Mourão, onde sítios como Porto das Carretas (Soares, 2013) ou Moinho de Valadares (Valera, 2013) apresentam implantações equivalentes. No entanto, esta última região encontra-se melhor caracterizada a nível de práticas, sítios, ritmos e temporalidades, podendo ser inclusivamente identificadas estratégias de abandono e reestruturação (Valera, 2003; 2008), contrastando com a área do Corte Piorninho, cujas redes de relações, entre os diversos sítios, ainda se encontram por definir. Ainda assim, o claro flanqueamento do percurso do rio, em ambas as margens, detectado pelo menos até à sua bacia média, pode aglutinar em si diversos significados e funcionalidades que se podem relacionar com um imediato determinismo “económico” e “defensivo” dos recursos aquíferos, como também com estratégias de controlo e gestão das vias de contacto com redes externas à região, nas quais a presença de elementos exógenos, quer materiais, quer antrópicos, teria um papel determinante (Valera et al. 2015).

5. Apontamentos finais

Em suma, os trabalhos levados a cabo na Herdade do Piorninho permitiram reforçar e clarificar algumas das dinâmicas presentes no sítio do Corte Piorninho 3 que, mesmo que careça de investigações que esclareçam a sua biografia e ritmos cronológicos, se parece integrar numa ocupação de tipo habitat inserida no Calcolítico do SW Peninsular. No entanto, este sítio arqueológico não se encontra isolado na paisagem, implantando-se numa região riquíssima a nível arqueológico, com uma grande densidade e diversidade de ocupações do espaço, onde se incluem estruturas funerárias, “campos de fossas” e ainda os complexos e múltiplos recintos de fossos.

Esta variedade ilustra e materializa a existência de estratégias de ocupação do espaço no decorrer do Calcolítico Peninsular, sendo notória a concentração de sítios caracterizados como habitats ou povoados em torno do Rio Guadiana. Ao longo do seu curso, as elevações sobranceiras parecem ter sido amplamente ocupadas, não só no seu percurso baixo, onde se desenvolve o Corte Piorninho 3, como também na bacia média, originando redes de povoamento que extravasam a escala regional e as diferenças geográficas, podendo partilhar funcionalidades e significados, sem deixar de reflectir, contar e conter especificidades e intencionalidades relacionadas com os sistemas e identidades de escala local.

Esta intervenção permitiu, contudo, compreender que o estado de conservação do sítio não terá sofrido grandes alterações com a surribo de que foi alvo em 2018, tendo

apenas sido remexida uma camada aparentemente já afectada, com materiais extremamente erodidos, pelos trabalhos agrícolas previamente desenvolvidos, quer referentes ao ano de 2015 (início da reconversão), quer prévios. Ainda assim, e considerando o ritmo de transformação patente nas paisagens alentejanas, o caso do Corte Piorninho 3 ilustra uma possível excepção à regra, não tendo os seus contextos sido totalmente afectados, como ocorre em incontáveis sítios arqueológicos, não só pré-históricos, muitos deles já inventariados.



Figura 9 – Evolução das imagens de satélite na área do sítio arqueológico em estudo, com a alteração da cultura agrícola, iniciada em 2015, na imagem de 2018.

No caso do sítio em estudo, com recurso a ferramentas SIG, foi possível sugerir uma delimitação para a sua extensão, dados que poderiam ter sido consideradas aquando da delimitação da plantação do amendoal. No entanto, e ainda que este sítio não pareça ter sofrido muito com a surribo realizada, os trabalhos arqueológicos foram apenas executados numa fase posterior à implantação do projecto agrícola, o que ilustra que o processo burocrático está incompleto, devendo ser incluídas as instâncias culturais, tanto a nível nacional, como a Direcção Geral do Património Cultural, como também as locais, os municípios. Desta forma, e com o intuito de minimizar, senão mesmo mitigar estas afectações, diversas metodologias, relações e estratégias complementares de salvaguarda do património podem ser aplicadas, fomentando relações frutíferas entre os proprietários e empreendedores, os próprios agentes do Património (onde se incluem os arqueólogos) e o próprio Património em si.

Referências Bibliográficas

- ALVES, C.; ESTRELA, S.; COSTEIRA, C.; PORFÍRIO, E.; SERRA, M.; SOARES, A.M.; MORENO-GARCÍA, M. (2014), "Caracterização preliminar da ocupação pré-histórica da Torre Velha 3 (Barragem da Laje - Serpa)", *IV Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O plano de rega (2002-2010)*, Évora: EDIA, 103-111.
- BOTTAINI, C.; BRUNETTI, A.; MONTER, I.; VALERA, A.C.; CANDEIAS, A.; MIRÃO, J. (2018), "Use of Monte Carlo simulation as a tool for the nondestructive energy dispersive X-ray fluorescence (ED-XRF) spectroscopy analysis of archaeological copper-based artifacts from the Chalcolithic site of Perdígões, Southern Portugal", *Applied spectroscopy*, 72, 17-27.
- DINIZ, M. (1999), "Povoado neolítico da Foz do Enxóe (Serpa): primeiros resultados", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2, 1, 95-126.
- HENRIQUES, F.; SOARES, A.M.; ANTÓNIO, T.; CURATE, F.; VALÉRIO, P.; ROSA, S. (2014), "O Tholos Centirã 2 (Brinches, Serpa) – Construtores e utilizadores; práticas funerárias e cronologias", *VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, 319-355.
- RODRIGUES, A.F.; MARTINS, A. (2005), "O povoado neo-calcolítico de Casa Branca 7 (Serpa): Resultados preliminares", *Actas do III Congresso do Neolítico na Península Ibérica*, 957-964.
- SOARES, A.M. (1992), "O povoado Calcolítico dos Três Moinhos (Baleizão, conc. de Beja). Notícia preliminar", *Setúbal Arqueológica*, IX-X, 291-314.
- SOARES, J. (2013), "Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas", *Memórias d'Odiãna*, 5, Lisboa: EDIA, DRCAL e MAEDS.
- VALERA, A.C. (2003), "Mobilidade estratégica e prolongamento simbólico: problemáticas do abandono no povoamento calcolítico do Ocidente Peninsular", *ERA Arqueologia*, 5, Lisboa: ERA Arqueologia/Colibri.
- VALERA, A.C. (2008), "Mapeando o Cosmos: uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-história recente", *Era Arqueologia*, 8, Lisboa: Era/Colibri, 112-127.
- VALERA, A.C. (2013), "As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana. 2ª metade do IV aos inícios do II milénio A.C.", *Memórias d'Odiãna*, 6, Lisboa: EDIA, DRCAL.
- VALERA, A.C. (2013), "Recintos de fossos da Pré-História Recente em Portugal. Investigação, discursos, salvaguarda e divulgação.", *Almadán*, II série, 18, 93-110.
- VALERA, A.C.; ANDRÉ, L. (2016/2017), "Aspectos da Interacção Transregional da Pré-História Recente do Sudoeste Peninsular: interrogando as Conchas e Moluscos nos Perdígões", *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 23, 189-218.
- VALERA, A.C.; SCHUHMACHER, T.X.; BANERJEE, A. (2015), "Ivory in the Chalcolithic enclosure of Perdígões (South Portugal): the social role of an exotic raw material", *World Archaeology*, 47, 390-413.
- VALERA, A.C.; FILIPE, V.; CABAÇO, N. (2013), "O recinto de fossos de Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa).", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9, 21-35.
- VALERA, A.C.; PEREIRO, T.do (2015), "Os recintos de fossos da Salvada e Monte das Cabeceiras 2", *VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, 315-327.

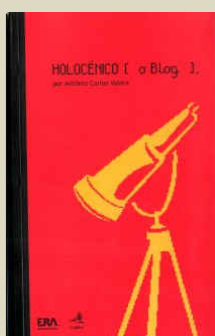
OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA

Série ERA Arqueologia

Oito volumes publicados entre 2000 e 2008



Livro de fotografias de Manuel Ribeiro sobre os moinhos de água de Alqueva

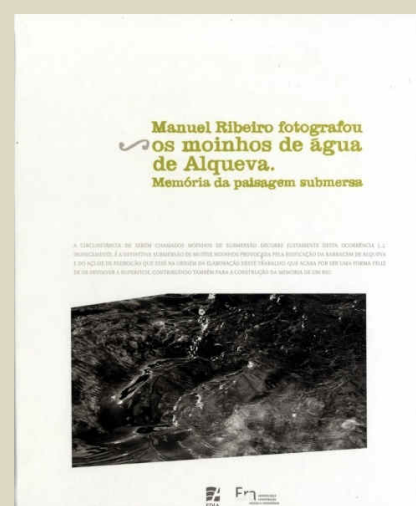
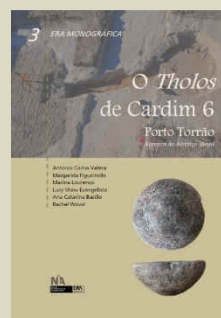
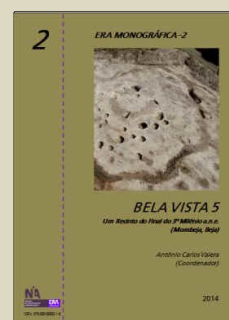
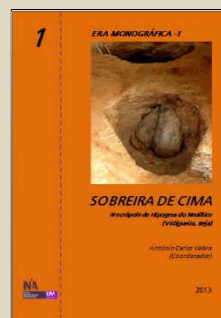


“Holocénico [o blog]” de António Valera

Textos sobre produção de conhecimento, património, arqueologia e o seu ensino e profissão.

Série ERA Monográfica

Três volumes publicados



ERA Arqueologia S.A.
Calçada de Santa Catarina, 9C
1495-705 Cruz Quebrada
- Dafundo

www.era-arqueologia.pt
geral@era-arqueologia.pt
nia@era-arqueologia.pt